

## VIAGENS OITOCENTISTAS: A HOSPEDAGEM NO INTERIOR DO BRASIL E NA CIDADE DA BAHIA

•Olívia Biasin Dias

### RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar as viagens realizadas ao Brasil oitocentista enquanto fenômeno social, pontuando, inicialmente, o modo como se dava a hospitalidade e a hospedagem concedida aos viajantes estrangeiros no interior do país. Posteriormente, enfoca aspectos da infraestrutura existente na cidade da Bahia<sup>1</sup>, no que tange aos serviços de acomodação e alimentação, indicando um crescimento desses estabelecimentos e a criação de novas formas de sociabilidade ao longo do século XIX. A pesquisa apóia-se nos relatos de viagem produzidos pelos viajantes Charles Darwin, Conde de Suzannet, Johann von Spix & Karl von Martius, Maximiliano de Habsburgo, Princesa Therese da Baviera, Robert Avé-Lallemant e Thomas Lindley, assim como nas informações encontradas nos jornais *Alabama*, *O Século*, *O Interesse Público*, *O Trovão* e no *Almanack do Diário de Notícias para 1885*, que circularam na Bahia dos oitocentos.

Palavras-chave: Viagens Oitocentistas, Brasil, Bahia, Serviços e Hospedagem.

## VIAJES EN EL SIGLO XIX: EL HOSPEDAJE EN LOS PUEBLOS DE BRASIL Y EN LA CIUDAD DE BAHIA

### ABSTRACT

El artículo se propone a analizar los viajes realizados a Brasil del siglo XIX como fenómeno social, presentando, inicialmente, la manera como se daba la hospitalidad y el hospedaje ofrecido a los viajeros extranjeros en los pueblos de Brasil. Enseguida, señala aspectos de la infraestructura existente en la ciudad de Bahia<sup>2</sup>, relacionados a los servicios de alojamiento y alimentación, apuntando un crecimiento de esos establecimientos y la creación de nuevas formas de sociabilidad a lo largo del siglo. La investigación se basa en los relatos de viajes producidos por los viajeros Charles Darwin, Conde de Suzannet, Johann von Spix & Karl von Martius, Maximiliano de Habsburgo, Princesa Therese da Baviera, Robert Avé-Lallemant y Thomas Lindley, así como en datos hallados en los periódicos *Alabama*, *O Século*, *O Interesse Público*, *O Trovão* y en el *Almanack do Diário de Notícias para 1885*, que circularon por Bahia del ochocientos.

Palabras clave: Viajes en el Siglo XIX, Brasil, Bahia, Servicios y Hospedaje.

---

\* Graduada em Turismo, especialista em Metodologia do Ensino Superior e mestranda em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). O presente trabalho foi realizado com o apoio do CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO-CNPq-Brasil.

<sup>1</sup> O termo Bahia é usado para designar a cidade de Salvador, pois, na época, ela era comumente chamada de cidade da Bahia.

<sup>2</sup> El término Bahia se refiere a la ciudad de Salvador, puesto que en la época la gente la llamaba así.

## A HOSPEDAGEM NO INTERIOR DO BRASIL OITOCENTISTA

O turismo moderno ou organizado surgiu no decorrer do século XIX e se consolidou no XX, experimentando expressivo desenvolvimento a partir de 1950 (pós-guerra). O fato de as viagens terem adquirido um novo significado social e se tornado uma atividade econômica em crescente expansão no mundo ocidental oitocentista está baseado em diversas transformações sócio-culturais ocorridas na Europa. A substituição da tração humana ou animal pela máquina a vapor proporcionou aos barcos e trens maior velocidade, conforto e capacidade de transportar pessoas e bens materiais, mudando a relação do homem com o tempo e o espaço (REJOWSKI et al, 2002).

O avanço dessa e de outras técnicas, a migração de trabalhadores das áreas rurais para as cidades, a ascensão da burguesia e o valor que passou a ser conferido ao tempo livre - que se converteu em tempo social - geraram significativas mudanças urbanas, ocasionando o surgimento de novas atividades comerciais e o fortalecimento de setores da economia que possuíam pouca representatividade, alterando o perfil das viagens realizadas até aquele momento. Assim, essas transformações influenciaram decisivamente na consolidação do hábito de viajar, no mundo ocidental (Ibidem).

A transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, e a abertura dos portos às nações amigas resultaram em fatos que incentivaram a vinda de estrangeiros às terras brasílicas, pois até então as viagens ao país eram incipientes, visto que a Metrópole havia proibido a entrada de estrangeiros, visando resguardar o território e garantir o monopólio de exploração e comércio. Esses acontecimentos, além de marcos no processo de emancipação política, apontaram o início

de novas relações comerciais e culturais, influenciando sobremaneira no desenvolvimento urbano das principais cidades brasileiras (OLIVEIRA, 1990). Desse modo, a partir desse momento o Brasil passou a se constituir em destino para os mais diversos tipos de viajantes, com seus variados objetivos.

Os serviços relacionados às viagens, como as hospedarias e os restaurantes eram incipientes no país, pois o turismo ainda não existia enquanto fenômeno social e tanto a organização das viagens quanto dos serviços demandados por elas não se apresentavam como atividade sócio-econômica capaz de gerar renda e melhorar a infra-estrutura básica dos destinos receptores. Entretanto, ao longo do século XIX, as viagens foram se tornando mais constantes e ganhando uma nova dimensão, relacionadas ao poder aquisitivo e ao *status* social. Esse fato gerou pequenas mudanças no estilo de vida de algumas famílias e na mentalidade de muitos indivíduos que, a partir de então, passaram a vislumbrar outras paisagens e novos comportamentos sociais.

O *Grande Dicionário Portuguez*, de 1873, conceitua hospitalidade como o “agasalho feito a hóspedes, a peregrinos; bom acolhimento que se faz a alguém” ou como “razão, deveres, boas obras entre hóspedes, conhecidos na antiguidade”.<sup>3</sup> Assim, no século XIX, o termo hospitalidade já estava bem definido e, no Brasil, a população possuía sua maneira de bem acolher o visitante, que variava conforme o local de moradia e a camada social a qual pertencia o anfitrião.

De acordo com os relatos, o povo, em geral, era considerado afável e espontâneo. Embora essas características sejam vistas como positivas, é importante salientar que a cordialidade e a inclinação para um trato mais informal não devem ser confundidas com “boas maneiras” e ética.

---

<sup>3</sup> CEDIC. *Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa* pelo Dr. Fr. Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Porto: Editores Ernesto Chardran e Bartholomeu H. de Moraes, 1873, segundo vol., p. 990.

Além disso, nem sempre essa cordialidade estava destituída de interesses. Era comum, por exemplo, oferecer hospedagem a indivíduos que possuíam algum poder. Nesse caso, o desejo de intimidade e o bem receber quase sempre pressupunha concessão de benesses pessoais e, quando isso não ocorria, ao menos o anfitrião ganhava importância social perante a vizinhança.<sup>4</sup>

A maioria dos viajantes era muito bem tratada pelos estratos superiores da população, com quem travavam um contato mais direto, e pelos seus concidadãos que moravam no Brasil. Recebiam convites para se hospedarem em suas residências, eram ciceroneados por eles em passeios e recebidos em suas casas para bailes e jantares. No interior, mesmo quando os estrangeiros se surpreendiam com a pobreza material das casas, com os costumes dos habitantes, com a informalidade e com o fato de estes terem uma educação menos elaborada, ainda assim, muitas vezes percebiam o esforço que faziam para agradar, como constatou a escritora inglesa Maria Graham, em 1823, na sua segunda visita ao Brasil:

Onde quer que estejam brasileiros, dos mais importantes aos mais ínfimos, devo dizer que sempre encontrei a maior amabilidade; desde o fidalgo, que me procura em trajes de corte, até o camponês, ou o soldado comum, todos têm-me dado oportunidade de admirar-lhes a cortesia e de lhes ser grata (GRAHAM, 1956, p. 299).

Freqüentemente os visitantes portavam cartas de apresentação ou portarias de autoridades, pois esses documentos lhes ajudavam a conseguir hospedagem tanto na cidade como no campo. Maria Graham, acompanhada de seu marido, não hesitou em fazer uso de uma carta quando chegou a Santa Cruz, nos arredores do Rio de Janeiro. Sem ter onde abrigar-se, ela encontrou

[...] com facilidade a casa do cavalheiro para quem tínhamos uma carta de apresentação, o capitão de fragata João da Cruz dos Reis, que é o superintendente do palácio e da fazenda. O visconde do Rio Sêco havia-nos fornecido amavelmente esta carta e explicado que o objetivo de nossa viagem era pura curiosidade, de modo que o capitão nos disse que no dia seguinte faria tudo para satisfazer-nos (Ibidem, p. 319).

<sup>4</sup> Este aspecto foi abordado por PIRES, Mário Jorge. **Raízes do Turismo no Brasil**. Barueri: Manole, 2001. Sobre a cordialidade brasileira, ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Olympio, 1978.

Quando o nobre francês Conde de Suzannet manifestou seu desejo de sair do Rio de Janeiro em direção à Bahia, por via terrestre, passando pela província de Minas Gerais, seus conhecidos tentaram dissuadi-lo da empreitada, por não possuir o trajeto nenhuma infra-estrutura. Porém, como o Conde não desistiu da idéia, recebeu cortesmente cartas de apresentação destinadas aos fazendeiros cujas habitações encontravam-se nos caminhos por onde ele deveria passar. Além disso, o Imperador lhe concedeu, a pedido do seu encarregado de negócios, “um passaporte imperial, uma espécie de firma que me assegurava à proteção e o apoio de tôdas as autoridades do país” (SUZANNET, 1957, p. 70).

Para realizar sua viagem pelo norte do Brasil, o médico alemão Avé-Lallemant (1961, p. 15) obteve

[...] recomendações do Marquês de Olinda, então Presidente do Ministério, para os Presidentes das Províncias [...] cartas muito úteis de Teófilo Benedito Ottoni, que me deviam facilitar a visita ao Rio Mucuri e suas notáveis colônias, até dentro da Província de Minas Gerais, e bem assim uma série de recomendações do Barão de Mauá, que me seriam muito úteis na viagem ao longo do Rio Amazonas. Além destas, devo ainda numerosas cartas de recomendação para as pequenas Províncias de Sergipe e Alagoas [...].

O viajante não pôde deixar a cidade de Caravelas, na Província da Bahia, sem se “[...] referir e agradecer a amabilidade dalgumas personalidades locais”. Encontrou “[...] graças a uma carta de apresentação do Senador Cansanção de Sinimbu, o mais obsequioso acolhimento e amável agasalho, pois em 1859 ainda não havia hotel em Caravelas” (Ibidem, p. 154). É interessante notar em seu depoimento a ressalva de que na cidade ainda não havia nenhum hotel, apresentando o local como atrasado nesse quesito. A ausência de um alojamento próprio para

viajantes incomodava o estrangeiro que, se não fosse graças a uma carta de apresentação e a amabilidade de “personalidades locais” não teria onde pousar.

As estalagens<sup>5</sup> situadas nas cidades do interior, normalmente estavam construídas ao lado da casa de pasto<sup>6</sup> e tinham como público-alvo pequenos comerciantes e tropeiros. A diferença existente entre a hospitalidade espontânea e a paga era bastante evidente. Nas pequenas cidades, tanto a precariedade das hospedarias quanto o mau tratamento dispensado pelos hospedeiros foram muito comentados. Os estrangeiros estavam, de modo geral, acostumados com um padrão superior no que concerne aos serviços de acomodação, considerando negativas muitas das experiências vivenciadas no Brasil (PIRES, 2001). Esse é o caso do naturalista Charles Darwin que, ao viajar pelo interior do Rio de Janeiro, em 1832, descreveu a situação das hospedarias da seguinte maneira:

Essas casas, espaçosas por vezes, são construídas com postes verticais entrelaçados de ramos que são, depois, rebocados. Raramente possuem soalho; janelas com vidraças, nunca; [...] Como via de regra, a parte da frente é toda aberta, formando uma espécie de alpendre, em cujo interior se colocam mesas e bancos. Os dormitórios são contíguos de cada lado e neles os hóspedes podem dormir com o conforto que oferecem uma plataforma de madeira e um magro colchão de capim. A venda fica num pátio, em que se alimentam os cavalos. Costumávamos, ao chegar, desarrear os animais e dar-lhes a ração do milho. Feito isso, curvando-nos reverentemente, pedíamos ao senhor o obséquo de dar-nos alguma coisa para comer. ‘Qualquer coisa que quiserem, senhores!’ - era sua resposta habitual. Nas primeiras vezes, dei em vão graças a Providencia, por nos haver guiado à presença de tão amável pessoa. Prosseguindo o diálogo, porém, o caso invariavelmente assumia o mesmo aspecto deplorável. ‘Pode fazer-nos o favor de servir peixe?’ ‘Peixe? Não senhor’ - ‘Sopa?’ ‘Não senhor’, ‘Pão?’, ‘Não senhor’ ‘Carne seca?’ ‘Oh! Não senhor!’ Se tivéssemos sorte, esperado umas duas horas, poderíamos conseguir frangos, arroz e farinha. Não raro, tivemos que, pessoalmente, abater com pedradas as galinhas que deviam servir para o almoço. E quando, absolutamente esgotados pela fome e pelo cansaço nos atrevíamos a dizer timidamente que nos sentiríamos muito felizes se o repasto estivesse pronto, o vendeiro nos respondia com arrogância: ‘O jantar estará pronto quando ficar pronto’. Se ousássemos queixar-nos ou mesmo insistir, nos teriam dito que éramos uns impertinentes e que era melhor

<sup>5</sup> De acordo com o **Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa** pelo Dr. Fr. Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Porto: Editores Ernesto Chardran e Bartholomeu H. de Moraes, 1873, segundo vol., denomina-se estalagem “uma casa onde se dá cama e meza aos viajantes por dinheiro”, p. 389.

<sup>6</sup> Ibidem, denomina-se Casa de pasto uma “casa onde se vae comer por preços determinados”, p. 129.

continuarmos a viagem. A casa e as pessoas são horrivelmente sujas e sem modos e na venda não há facas, colheres ou garfos, e estou convencido que seria difícil encontrar na Inglaterra uma casa, por mais pobre, tão desprovida das coisas mais necessárias à vida (DARWIN, [19-], p. 182).

O naturalista, assim como a maioria dos visitantes estrangeiros que veio ao Brasil nos oitocentos e viajou pelo interior, espantava-se com o desconforto das acomodações e com o modo como os alimentos eram preparados e servidos. Esses sujeitos haviam passado por um processo de refinamento das maneiras e dos hábitos, comportando-se de modo considerado próprio dos homens civilizados. Fatos como o de não encontrar nas vendas e hospedarias aparatos de mesa, a exemplo de talheres e, até mesmo, de haver presenciado ou participado do abate do animal que seria servido na refeição, feria sua sensibilidade. “[...] As pessoas, no curso do processo civilizatório, procuram suprimir em si mesmas todas as características que julgam ‘animais’. De igual maneira, suprimem essas características em seus alimentos” (ELIAS, 1994, p. 128).

Mais de uma década depois, em 1845, foi à vez do Conde de Suzannet reclamar da ausência de hospedarias no interior. Ao realizar sua viagem do Rio de Janeiro para a Bahia, ele já havia sido prevenido por brasileiros<sup>7</sup> de que muitos caminhos eram desertos, desprovidos de habitações e, até mesmo, de água.

A falta de albergues e as distâncias entre as casas e a necessidade de comprar cavalos e mulas para evitar a lentidão das caravanas, que fazem apenas duas ou três léguas por dia, são apenas ligeiros inconvenientes. É preciso munir-se, como no Oriente, de uma cama, de uma cozinha e de provisões de toda espécie, pois não se pode contar com as vendas que, as vezes, encontramos à margem da estrada (SUZANNET, 1957, p. 73).

De passagem pela cidade de *Pôrto da Estrêla*, muito freqüentada por servir de entreposto entre as Minas Gerais e o Rio de Janeiro, ele teve que passar a noite “[...] na casa de um velho negociante, a mais bela de Pôrto de Estrêla, e a única de dois andares. Só pude deitar-me depois

---

<sup>7</sup> No presente trabalho considero como brasileiro o indivíduo nascido no Brasil, livre ou liberto, e que residia no país.

de ouvir histórias de todos os viajantes mais ou menos ilustres que tinham dormido no leito que eu ia ocupar” (Ibidem, p. 73).

Aliviado por haver superado as intempéries surgidas até aquele momento, incomodou-se com o fato de haver despertado a curiosidade dos hospedeiros, que lhes perguntaram sobre o motivo da viagem e sobre o que pensava a respeito do Brasil, quando, na verdade, a única coisa que desejava era dormir e descansar.

A hospitalidade torna-se assim um transtorno e a liberdade é trocada na maioria das vezes por um bem-estar duvidoso; o menor albergue das nossas aldeias oferece mais conforto que a residência de um brasileiro rico que vive entre escravos e rebanhos (Ibidem, p. 75).

O Conde ainda passou “por perto de inúmeras ‘vendas’, (sic) ou ‘cabarés-albergues’ que consistem de uma casa de moradia e de um alpendre (cocheira) destinado a abrigar as cargas das mulas” (Ibidem, p. 75). Dando continuidade ao seu percurso, ele parou para descansar em Padre Correia, onde se hospedou

[...] numa venda afamada como uma das melhores da estrada; na verdade arranjei um quarto onde sôbre alguns paus cruzados estenderam uma esteira; o proprietário estava convencido que seu albergue era dos mais confortáveis e que eu era muito feliz de compartilhar de tôdas essas delícias. O meu jantar, no entanto, foi uma coisa muito difícil: só ao cabo das três horas é que puderam servir-me uma galinha cozida e arroz feito na água. Os brasileiros preferem morrer a apressarem-se e a reclusão voluntária ou forçada das mulheres obriga a esperar com paciência os maus pratos que elas queriam mandar (Ibidem, p. 77).

No interior, a situação das hospedarias parece não ter mudado muito a longo do século, pois vinte e cinco anos antes da viagem do Conde de Suzannet, os naturalistas alemães Spix e Martius também passaram pela cidade *Pôrto da Estrêla*. Os naturalistas observaram que apesar do intenso movimento comercial, não havia abrigo seguro para as mercadorias e “Cada qual tem que se conformar, para se hospedar, com um pobre telheiro, que também aloja as cargas”. Eles



registraram o desconforto do aposento onde pernoitaram: “[...] como cama serve um couro de boi, ou há umas ripas extendidas sôbre paus fincados na terra e cobertos com uma esteira, ou rede, e, em vez de cobertas, a própria roupa do viajante” (VON SPIX e VON MARTIUS, 1938, vol. I, p. 148).

A grande diferença entre os preços era outro relevante aspecto das hospedarias. Os critérios utilizados para a escolha do valor cobrado se baseavam nos serviços oferecidos e no conforto dos estabelecimentos. No entanto, o valor também poderia variar segundo o julgamento que o hospedeiro fazia do viajante, sobretudo no que concernia a sua aparência. Além das hospedarias, havia os ranchos, que eram construídos às custas do tesouro real ou por particulares. Nesses locais também eram vendidos produtos e serviços aos tropeiros e, no quesito hospitalidade, não havia grande distinção em relação às demais estalagens localizadas no interior (PIRES, 2001).

O médico Avé-Lallemant, após conhecer a cidade do Salvador, decidiu empreender uma excursão por alguns “rios notáveis da Província da Bahia”. Assim, ele precisou pernoitar em cidades do interior, deixando-nos o registro de algumas dessas experiências. Ao chegar em Cachoeira, ele encontrou um hotel, situado na praça, mas disse não ser esse o único alojamento da cidade, assinalando que havia pelo menos dois hotéis que dispunham de um certo conforto.

Depois de jantar, o visitante assistiu da janela do seu quarto de hotel uma cena que considerou “original”. Acontecia um leilão em prol da igreja local, no qual, sob a ótica eurocêntrica do visitante,

[...] o leiloeiro, para atrair e deparar muita gente, fazia-se de engraçado [...] Entre cada pregão, uma música estridente tocava alguns trechos de fados e lundus, essa desordenada tarantela de negros, na qual cada um faz todos os trejeitos e movimentos impudicos possíveis. [...] e até altas horas da noite rolou o bacanal dos negros para celebrar a festa da igreja católica (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p. 59).

Do hotel onde se hospedara, ele possuía uma visão do cotidiano da cidade, julgando os acontecimentos de forma superficial, conforme seus valores e referências. O observador se encontrava numa posição bastante diferenciada em relação às pessoas que observava e o seu olhar acerca das práticas de diversão e do catolicismo popular estava carregado de preconceito.

Posteriormente, ele se dirigiu a Canavieiras, comentando que não se podia “[...] ver nada mais modesto e mais simples” que a vila da cidade, tendo se hospedado na fazenda do Dr. Magalhães, senhor que havia conhecido no Rio de Janeiro. Contudo, apesar da excelente hospitalidade que recebeu, ele se incomodou por ter que permanecer alguns dias na cidade devido a insistência do seu hospedeiro (Ibidem, p.76).

Durante sua estada na residência do Dr. Magalhães, ele realizou um passeio pelas redondezas do Rio Pardo, não conseguindo voltar para a fazenda de seu anfitrião antes do anoitecer. Em função do ocorrido, teve que buscar, juntamente com os guias-canoeiros que lhe acompanhavam, um local para pernoitar, encontrando uma casa de barro

[...] das mais pobres, cujos habitantes, descendentes de tronco indiano e africano me receberam tão amistosamente quanto possível, embora fosse para eles o recém-chegado, de origem européia, completamente desconhecido, o que a princípio os perturbava em alto grau e só a minha sem-cerimônia os pôs à vontade (Ibidem, p.84).

Nessa noite, ele experimentou o que considerou “a verdadeira hospitalidade da floresta”, pois lhe serviram algo de comer e o acomodaram junto com a família “num quartinho apertado”, onde “a filha casada preparou-me uma cama, uma espécie de mesa fixa” (Ibidem, p. 84). O fato de pessoas com diferenças tão visíveis - na condição social, na raça<sup>8</sup>, na língua e nos hábitos - compartilharem a mesmo teto e dormirem tranqüilas, sem medo do que o outro pudesse vir a

---

<sup>8</sup> Utilizo raça conforme o significado que o termo possuía no período estudado.

fazer, surpreendeu-o e o fez refletir. “Uma confiança recíproca, como não se poderia encontrar em iguais circunstâncias numa floresta européia, reinava entre todos” (Ibidem, p. 85). Na manhã do dia seguinte, após tomar um café servido pelos donos da casa, ele despediu-se dos “amáveis descendentes das selvas” e partiu com os canoieiros que o acompanhavam. Em agradecimento à boa acolhida que recebeu, o médico presenteou o dono da casa com uma espingarda de que ele havia gostado bastante (Ibidem, p. 86).

## A HOSPEDAGEM NA BAHIA OITOCENTISTA

Na primeira década do século XIX, no que tange à hotelaria, acredita-se que no Brasil havia apenas estalagens, apesar da palavra *hotel* já começar a ser utilizada (PIRES, 2001). As instalações hoteleiras situadas na cidade da Bahia, até meados dos oitocentos, eram consideradas de má qualidade. O navegador mercantil inglês Thomas Lindley<sup>9</sup> documentou, no ano de 1803:

A Bahia está miseravelmente desprovida de acomodações para os estrangeiros, e não se conhece uma única hospedaria. Quem quiser residir temporariamente na praia, não terá outra alternativa salvo a de alugar uma casa, toda ela ou em parte, mobiliá-la, o que se consegue com facilidade, sendo amplamente suficiente algumas cadeiras, arcas e uma mesa, tudo de boa qualidade. As casas de pasto distinguem-se por uma bandeira tricolor, no alto das portas: mas são de uma inconcebível sujeira, e a cozinha é tão horrorosa que uma cela de *Saint Gilles* é muito preferível. São inúmeros os cafés. Existem em todas as ruas, desde que se possa conferir a dignidade desse nome a uma casa suja, em cuja parte da frente se alinham algumas mesas e bancos, havendo, nos fundos uma espécie de bar. E nelas se distribui um líquido nojento, denominado café, que se torna ainda mais repelente à vista do fato de ser servido em copos. Todas as manhãs, esses lugares ficam apinhados de gente de todas as classes, pessoas respeitáveis e o vulgo, que consegue fazer uma primeira refeição por quatro vinténs: consiste num copo de café e um pãozinho com manteiga irlandesa, rançosa, refugio do mercado de Lisboa (LINDLEY, 1969, p. 175).

<sup>9</sup> Ele voltava de uma viagem a Santa Helena quando sua embarcação sofreu algumas avarias, vítima de uma tempestade, e aportou na costa da Bahia. Entretanto, acabou se envolvendo no contrabando de pau-brasil e foi preso.

Von Spix e von Martius (130, vol. II, p. 274), em 1818, após desembarcar suas bagagens, alugaram<sup>10</sup> uma casa na Cidade Alta. Entretanto, no terceiro dia, o Sr. Felisberto Caldeira Brant Pontes - então comandante das armas na Bahia - lhes ofereceu um cômodo em sua residência, localizada nos arrabaldes dos Barris. Os naturalistas também fizeram referência aos cafés da Bahia, opinando que nesses locais “[...] a maior tendência é para os jogos de cartas e dados”.

Por sua vez, o francês Antoine Dugrivél, assim que chegou na cidade, em 1832, procurou um alojamento para hospedar-se, encontrando um único hotel, chamado *Universo*, no qual não havia mais vagas. Sugeriram-lhe, então, que fosse ao teatro, onde comumente alugava-se quartos para estrangeiros (DUGRIVÉL apud VERGER, 1999, p. 124).

No ano de 1843, tanto o Conde de Suzannet (1957, p. 189) quanto o inglês James Wetherell teceram comentários a respeito dos meios de hospedagem. “Não podia conformar-me com os albergues da Bahia, que são de uma sujeira repugnante” declarou o primeiro, ficando muito contente ao aceitar o convite do cônsul francês para que se hospedasse em sua casa, situada na Vitória<sup>11</sup>. “Os hotéis são execráveis, tratando-se mais de restaurantes com salas de bilhar do que lugares destinados a fornecerem acomodações aos viajantes”, foi a reclamação feita pelo segundo (WETHERELL apud AUGEL, 1980, p.156).

Avé-Lallemant, antes de partir de Salvador com destino a Caravelas, deixou sua bagagem no “pequeno *Hotel Inglês*”. Regressou quatro meses depois, quando foi informado de que seus “bons e simples hospedeiros” haviam se mudado. Depois de muito procurá-los, encontrou-os “na longínqua Rua das Mangueiras, perto da nova via férrea” (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p. 272). O

<sup>10</sup> Na tradução em português, foi utilizada a palavra “tomaram” em lugar de “alugaram”.

<sup>11</sup> A Vitória era o local escolhido para moradia pela maioria dos estrangeiros que residia em Salvador e pelas famílias mais abastadas da sociedade baiana.

médico europeu ficou admirado e contente por seus hospedeiros terem guardado, cuidadosamente, por tanto tempo, toda sua bagagem, que incluía pedras e frutos, além de terem demonstrado preocupação por sua prolongada ausência.

Na segunda metade do século, o Arquiduque Maximiliano da Áustria, em passagem pela cidade da Bahia, em 1860, instalou-se, primeiramente, no terraço de um café-restaurante localizado no Largo do Teatro. Sobre essa experiência - na qual também se pode observar o quanto o comportamento do viajante estava imbuído de racismo - ele declarou:

É humano, depois de todo o encantamento, sentirmos necessidade de alimentar, materialmente, a chama do entusiasmo. Daí passarmos os olhos a nossa volta, à procura de um Hotel. Segundo informações vagas recebidas ainda a bordo, descobrimos pelos letreiros, numa transversal, algo semelhante a um restaurante. [...] Pequenas mesas, imagens obrigatórias de romances franceses, e até algo semelhante a um cardápio indicaram-nos que devíamos nos encontrar numa fábrica de comida. Por toda a parte, reinava um completo silêncio, que oprimia o estômago. Não apareceu viva alma para nos servir. Tudo estava como que morto. Teria talvez a febre amarela varrido esse local? Finalmente, já dávamos vasão à nossa impaciência, quando apareceu, como almas extenuadas saídas do túmulo, uma corja mulata, das mais diversas tonalidades que, evidentemente, acabava de fazer uma sesta lerda. Mas, nesse momento, começaram os apuros: na nossa impensada vertigem de alegria, não tínhamos levado conosco nenhum conhecedor de línguas, e nenhum de nós até agora entendia a língua selvagem. Além disso, as pessoas faziam uma cara fechada e aborrecida, esquecendo-se de que estavam ali para servir o público. Por fim, num ataque de triste melancolia, balbuciei: chá, chá! Tal palavra, que tinha lido nas tabuletas de Lisboa, ajudou a provocar um lampejo na pouca inteligência das extenuadas criaturas, e outros sinais extraídos da linguagem dos macacos produziram algum efeito. Finalmente, apareceram miniaturas de xícaras com um chá ralo, açúcar pisado, marrom como a poeira da rua, e até uma espécie de bife, mas que, por ser tão duro, devia ter sido importado, há meses, da Inglaterra. Meus pobres dentes não conseguiram mastiga-lo. Através da mímica do ordenhar, pedimos leite para o nosso chá, mas a criadagem de cor apenas zombou de nós, E, com os mesmos gestos, fez-nos compreender que só encontraríamos leite de manhã cedo. [...] Era compreensível que o nosso grupo, do ponto de vista culinário, estivesse curioso com aquilo que foi chamado de hotel (HABSBURGO, pp. 88, 89).

Em seguida, o príncipe austríaco se dirigiu ao *Hotel Frévrier*, também situado na Praça do Teatro (atual Praça Castro Alves). Nesse estabelecimento ele vivenciou uma experiência totalmente diferente, pois foi muito bem atendido e pôde apreciar uma comida que considerou deliciosa.

Mas, aqui, estávamos no seio de Abraão: água gelada deliciosa, as frutas mais maravilhosas e, nas refeições que se preparavam, os pratos mais saborosos, adequados ao clima, através de grandes quantidades de condimentos. Tudo preparado com carinho e de forma bastante convidativa, um serviço cortês e fino, moldes europeus [...] (Ibidem, p. 91).

O hotel possuía uma localização privilegiada, pois das sacadas da sala de bilhar avistava-se a parte interna da baía e a Cidade Baixa. “Tal panorama é muito atraente, já que a ladeira é a artéria principal da Bahia [...]” (Ibidem, p. 94). Segundo a descrição do visitante, o estabelecimento do Sr. Frévier era bastante movimentado, freqüentado principalmente por europeus residentes ou de passagem pela cidade. Em seus salões se reunia uma “animada sociedade francesa”, sendo a galeria-varanda o local destinado para a diversão (Ibidem, p. 140).

Entre os funcionários do local, o Arquiduque Maximiliano citou a eficiência do garçom Henry e a gentileza do proprietário do hotel, que além de preocupar-se com os serviços prestados no seu estabelecimento, fornecia aos viajantes informações sobre a cidade e o país e indicava locais que deveriam ser visitados, tornando-se “[...] um pai contemporizador para com seus hóspedes” (Ibidem, p. 91).

Seis anos depois, o inglês William Scully (apud AUGEL, 1980, p. 110), que visitou a Bahia por motivos comerciais, identificou um hotel “muito bom” localizado na Calçada, dirigido por um conterrâneo seu. O jornalista Armand Goegg, que viera da Alemanha no ano de 1880, encontrou um bom alojamento dirigido por um alemão, o *Hotel Muller* (Ibidem, p. 112). E a viajante francesa Louise Bourbonnaud, que passou por Salvador em 1885, escreveu que após o desembarque subiu de elevador para a Cidade Alta e se dirigiu ao *Hotel de France*, surpreendendo-se com o fato de não encontrar ali ninguém que falasse francês (Ibidem, p. 122).

A Princesa Therese da Baviera, em 1888, hospedou-se em um alojamento dirigido por uma alemã, que identificou como “uma espécie de pensão”, tendo que se deslocar para a Cidade Baixa, considerado um local sujo e desordenado pelos viajantes, para fazer suas refeições (VON BAYERN, 1897, p. 225). Therese, além de ser proveniente da Europa, era mulher e membro da nobreza, sendo difícil encontrar na Bahia da época um alojamento que suprisse as necessidades e expectativas de um ator social com essas características.

Na última década do século XIX, no ano de 1895, o botânico alemão W. Detmer (apud AUGEL, 1980, p.193), logo que chegou a cidade, optou pelo “*Hotel Sul-Americano...* em frente ao *Hotel Paris*, sendo melhor que este último... e ambos na cidade alta”. No entanto, posteriormente ele aceitou a hospitalidade do Sr. Weber, representante da casa comercial *Ottens*, dirigindo-se para a residência do seu anfitrião.

Como se vê, era comum o estrangeiro procurar um alojamento que fosse dirigido por algum conterrâneo seu, o que sugere o desejo de encontrar algum elemento familiar, um ponto de apoio durante a permanência em terras longínquas. Ademais, o auxílio de um hospedeiro proveniente do mesmo país, seguramente tornaria a viagem mais prática, uma vez que a comunicação seria facilitada e, possivelmente, os hábitos cotidianos seriam mais próximos.

Na verdade, muitos estabelecimentos que se intitulavam hotéis eram cafés ou bilhares, sendo que alguns dispunham de cômodos para receber viajantes, mas de maneira amadora e espontânea. E quanto à comida servida nesses locais, verifica-se que, de modo geral, nas primeiras décadas do XIX, havia pouca variedade de alimentos e o seu preparo era feito de forma descuidada, não existindo a preocupação em agradar o cliente, seja pelo sabor do alimento ou pela estética do prato (PIRES, 2001). Esse fato ocorria por diversos fatores, como a precariedade

do abastecimento, limitado até mesmo nas grandes cidades<sup>12</sup>, e pelos padrões comportamentais ligados aos serviços e aos costumes “à mesa”, que se diferenciavam dos conhecidos pela maioria dos visitantes.

## ANÚNCIOS DE SERVIÇOS

Os viajantes estrangeiros reclamavam do desconforto e dos serviços prestados nos estabelecimentos. Contudo, ao longo dos oitocentos, especialmente a partir da segunda metade do século, os meios de hospedagem começaram a melhorar seu aspecto visual e a receber investimentos com o propósito de oferecer maior conforto e bom atendimento aos hóspedes. Os alojamentos passaram a oferecer outros serviços e a agregar novos valores. Além dos aspectos ligados a pernoite, os estabelecimentos mais requintados possuíam cozinha francesa (visando também ao público externo) e banhos de propriedade terapêutica.<sup>13</sup>

No *Grande Hotel de Paris*, por exemplo, o cliente poderia num único lugar dormir, banhar-se, alimentar-se e divertir-se e, caso não quisesse usufruir todos esses serviços, poderia escolher o que mais lhe conviesse, como se observa no anúncio abaixo:

Grande Hotel de Paris  
À Praça Castro Alves, Antigo largo do Theatro  
Viúva Ballalai & Alves  
Proprietarios

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bonde, recomenda-se pela exactidão do seu serviço, aceio e modicidade em preços.

Salões e quartos mobiliados para famílias.  
Apromptam-se almoços, jantares e banquetes.  
Aceita-se pensionistas.

<sup>12</sup> Nos oitocentos, a base alimentar brasileira era caracterizada basicamente por farinha, feijão, arroz, carne seca, toucinho e açúcar (LIESELLOTE, 2003).

<sup>13</sup> No século XIX, o banho estava em processo de consolidação como prática de higiene diária. Acreditava-se que a água morna energizava o organismo; água quente além de energizadora servia para o relaxamento muscular e a água fria era usada nas hidroterapias (VIGARELLO, 1996).



6 Bilhares  
Banhos quentes e frios  
Bahia<sup>14</sup>

No que tange as opções de entretenimento, pode-se dizer que alguns hotéis, além dos serviços de hospedagem e alimentação ofereciam jogos, a exemplo do bilhar, e organizavam bailes de máscara. O jornal *O Século*, em fevereiro de 1850, anunciava:

BAILE MASCARADA: Ferraro e C<sup>a</sup> previnem ao respeitável público, que nos dias 9 e 11 do corrente haverá baile mascarado no Hotel de S. João e os bilhetes achao-se à venda no mesmo hotel.

No jornal *O Interesse Público*, em dezembro de 1860, encontra-se o seguinte anúncio:

ATENÇÃO, RAPASIA DA DO BOM GOSTO.  
Domingo 9 de dezembro he a abertura do Hotel Garibaldi na casa do finado João Adrião Chaves na estrada da Valla. De manha haverá uma bella manicoba e outras mais iguarias, a tarde haverá o bello devirtimento das bochas a italiana e outros devirtimentos; assim como o bom café pelo novo modelo da máquina em circulação.

Até mesmo uma propaganda de hotel redigida em inglês (com erros gramaticais) foi encontrada na seção de anúncios do periódico baiano *Jornal da Tarde*, em abril de 1860, o que indica a intenção do proprietário de atrair hóspedes ingleses e norte-americanos:

HOTEL BAIANO.

N.11-LADEIRA DA GAMELEIRA

The proprietor of this hotel so advantageous ly situated ina commanding eminenee begs leave to informe the public, that in this establishment may be found well ournished rooms and saloens, properly ventilated. The greatest acitivity and eleansfs reignes throughout all. The charges are moderate.

Por intermédio de um anúncio publicado no jornal *O Século*, em 30 de julho de 1850, pode-se ter uma idéia dos produtos e serviços ofertados no *Hotel do Commercio*.

Em Santa Bárbara, fronteira à botica do Sr. João Lourenço Seixas, prepara-se qualquer jantar com as pessoas que lhe pedirem, ao melhor gosto possível, e bem assim para banquetes e grandes bailes, com o todo aceio e promptidão, pois, além de serem preparados por família, a cozinha está administrada pelo primeiro insigne cosinheiro e

<sup>14</sup> CEDIC. *Almanack do Diário de Notícias para 1885*: quinto anno, Bahia, [s.n.], 1885.

copeiro desta Bahia, o Sr. João Nepomuceno. Nas quintas-feiras e domingos haverá o bom mocotó e todas as manhas achar-se-há prompto o bello mingau, à saber: de araruta, farinha de trigo, tapioca: faz-se também as grandes panellas de geléia e dita de sustancia para quem soffre debilidades; e faz-se ricamente cabeça de vitella e o bello pastelão apellidado Andrea com camarões e batatas.

Durante todo o século é freqüente encontrar anúncios de hotéis em jornais nos quais se solicitam “rapazes para o serviço de meza”, cozinheiros e marcadores para jogos de bilhar. “Cosinheiro - Compra-se um, paga-se bem, agradando no Hotel Figueiredo” é o conteúdo de um anúncio publicado no jornal *O Trovão*, no ano de 1868. Alguns alojamentos também anunciavam nos periódicos a venda de mesas e bolas próprias para jogos, além de variados sortimentos importados, que variavam de produtos alimentícios a acessórios do guarda-roupa feminino.

Para as famílias mais abastadas da Bahia, freqüentar os restaurantes dos hotéis, aos poucos, foi se tornando um hábito. Os proprietários, visando incentivar ainda mais esse novo costume, anunciavam nos periódicos seus serviços gastronômicos. No jornal *Alabama*, em novembro de 1881, há uma nota do *Hotel das Nações* comunicando os principais pratos preparados pela casa, nos quais incluíam-se: sopas, canjas, filé à francesa, filé à italiana, peixe ensopado, rim à portuguesa, assado de vitela, frango de molho pardo, ostras cruas e diversas sobremesas, tais como: panqueca, omelete *sucrée*, doce de limão e frutas.

Dois anos antes, em maio de 1879, encontra-se a seguinte propagando de hotel no *Alabama*:

#### HOTEL 25 DE DEZEMBRO EM ITAPAGIPE

A Rua do Rosário

Este estabelecimento acha-se preparado com aceio e tem constantemente comidas variadas, doces e bebidas de todas as qualidades. Para receber com decência as famílias e mais pessoas de consideração tem sala especial, assim com quartos mobiliados para as que quizerem tomar banhos salgados. No mesmo estabelecimento tem um bilhar de primeira qualidade, em sala especial. Tudo por preços commodos.

Tendo a companhia Vehiculos Economicos feito baixar para 100rs. O preço das passagens de bonde do Bonfim a Itapagipe, por esse motivo nos dias de sexta-feira e domingos a hospedaria estará completamente abastecida de um tudo e reforçada de um

peçoal excelente, assim de poder satisfazer com agrado e presteza a todos quanto a honrarem com sua freguezia.

Com relação aos anúncios, além de eles nos fornecerem uma idéia acerca da oferta e da demanda por esse tipo de serviço, a linguagem utilizada também indica algumas mudanças sociais. Aspectos que antes eram anunciados, como o fato de o estabelecimento achar-se “preparado com aceio” e “estar abastecido de um tudo” eram pontos fortes do estabelecimento, considerados como diferenciais. Atualmente, nenhuma propaganda de hotel faria esse tipo de menção, pois os clientes já supõem que o local seja limpo e siga as normas sanitárias vigentes, assim como já está implícito que ele esteja abastecido dos produtos que oferece. Desse modo, palavras que eram utilizadas nos anúncios com grande naturalidade, tornaram-se estranhas para nós, até mesmo engraçadas, uma vez que mencioná-las perdeu o sentido, passando a ser desnecessário o seu uso.

## CONCLUSÃO

Diversos estrangeiros estiveram no Brasil no decurso do século XIX, a partir da abertura dos portos às demais nações. Ao viajarem pelo território brasileiro, esses atores sociais utilizavam serviços de hospedagem e alimentação, dentre outros. De acordo com seus comentários e com os anúncios encontrados nos jornais e almanaques da época, verifica-se que havia uma nítida diferença entre a hospitalidade e a hospedagem que lhes era ofertada nas cidades e vilas do interior do Brasil daquela praticada na cidade da Bahia. Ao percorrerem os longos caminhos do interior, os viajantes se deparavam com diferentes formas de acolhimento e a falta de infraestrutura marcava a experiência dos deslocamentos. O tratamento informal às vezes chocava o

estrangeiro que o interpretava de duas maneiras: ou como desrespeito e falta de educação ou como manifestação de ingenuidade e simplicidade do homem que desconhecia modos mais civilizados de convivência.

Os viajantes que traziam consigo cartas de recomendação, normalmente, eram convidados para se hospedarem nas residências de famílias abastadas da sociedade local. Era comum a utilização dos serviços de alojamento pago nos primeiros dias de estadia, recebendo, em seguida, o convite para se acomodar na casa de algum residente. Assim, as cartas de apresentação eram muito importantes, pois facilitavam a viagem do estrangeiro que, de posse desse tipo de documento, receberia com maior facilidade um tratamento hospitaleiro.

Outros viajantes, no entanto, preferiram a incógnita e a liberdade de permanecerem num hotel, como foi o caso do Arquiduque Maximiliano da Áustria, que recusou não só a recepção oficial feita pelo presidente da província da Bahia, o Ex. Sr. Conselheiro Ferreira Penna, como também o convite para hospedar-se no palácio do governo, fato que deixou seu anfitrião bastante descontente.

A análise dos serviços oferecidos em Salvador aponta para um número maior de opções no que tange aos serviços de hospedagem e alimentação, mesmo que a qualidade dos estabelecimentos ainda estivesse muito aquém do desejado pela maioria dos clientes estrangeiros. A realização dessas viagens, ao propiciar novos contatos culturais, também implicou alterações no estilo de vida dos habitantes do lugar, havendo uma estreita relação entre a entrada de estrangeiros e a penetração de novos hábitos, mercadorias e idéias, o que resultou no estabelecimento de novas formas de sociabilidade entre os viajantes e a população local.

Desse modo, a presença desses estrangeiros ajudou a criar uma rede de serviços relacionada às viagens e ao lazer, delineando uma relação capitalista entre os visitantes e os prestadores de serviços e fornecendo as bases para a atividade turística que posteriormente começou a ser praticada na cidade do Salvador e em outras regiões do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGEL, Moema Parente. **Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista**. São Paulo, Cultrix; [Brasília]: INL, 1980.
- AVÉ-LALLEMANT. Robert. **Viagens pelo Norte do Brasil no Ano de 1859**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1961.
- CEDIC. **Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa** pelo Dr. Fr. Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Segundo Volume, Porto: Editores Ernesto Chardran e Bartholomeu H. De Moraes, 1873.
- DARWIN, Charles. **Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo**. São Paulo: Abril Cultural, [19-].
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, vol. I.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma Viagem ao Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.
- HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia 1860: esboços de viagem**. Rio de Janeiro/Bahia, Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Olympio, 1978.
- KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins/Biblioteca Histórica Brasileira, 1940.
- LIESELLOTE, Ornellas H. **A Alimentação Através dos Tempos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.
- LINDLEY, Thomas. **Narrativa de uma Viagem ao Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969, vol. 343.
- OLIVEIRA Fo, João P. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: OLIVEIRA Fo, João P. (org.). **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero/ UFRJ, 1990.
- PIRES, Mário J. **Raízes do Turismo no Brasil**. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX. Barueri: Manole, 2001.
- REJOWSKI, Mirian et al. Desenvolvimento do Turismo Moderno. In: REJOWSKI, Mirian (org.). **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: ALEPH, 2002.
- SUZANNET. Conde de. **O Brasil em 1845**. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957.
- VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia - 1850**. Salvador: Corrupio, 1999.

VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo**: uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VON BAYERN, Therese Prinzessin. **Meine Reise in den brazilianschen Tropen**. Berlin: Verlag von Dutrich Reimer, 1897.

VON SPIX e VON MARTIUS. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930, I vol.

\_\_\_\_\_. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930, II vol.